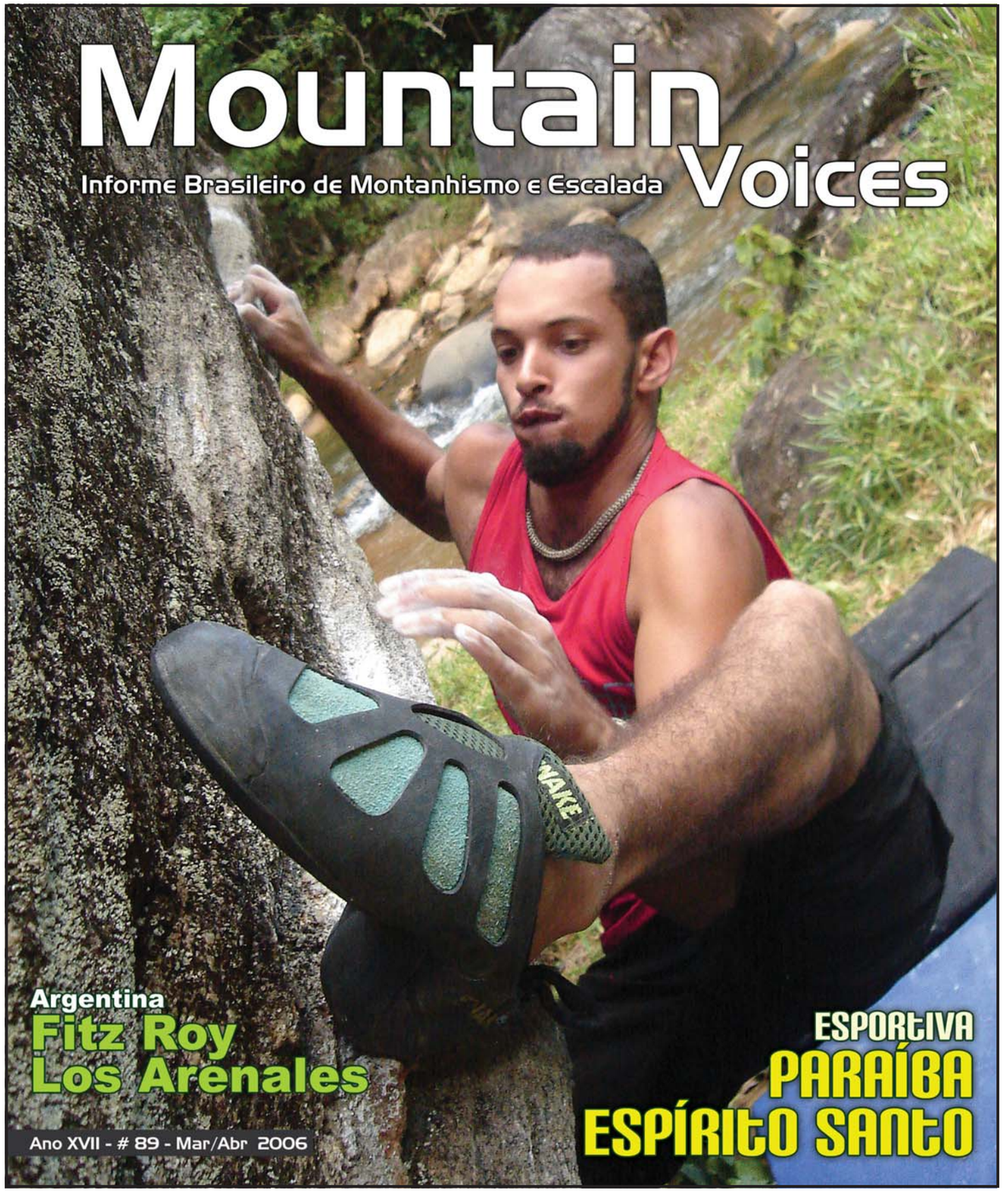


As novas Sapatilhas Snake têm muitos pontos de evolução. Mas tem ½ ponto que vai fazer muita diferença.

Mudanças no design, novos materiais utilizados, como cordura no modelo Crux e borracha Cherry da Vibram nos modelos Vênus e Marte, são alguns dos pontos das novas Sapatilhas Snake.
Mas o ponto mais importante é que elas são as **primeiras do Brasil** a ter numeração de **½ ponto.**

+½·

Isto significa muito mais opções na hora de adquirir sua sapatilha e muito mais conforto quando for calçar. Portanto, pra não ficar meio desconfiado, use Snake. Você já sai com **muitos pontos na frente.**

Crux

Vênus

Marte

Na produção das sapatilhas Vênus e Marte - Feminina e Masculina respectivamente - é utilizada a borracha Cherry. Um produto exclusivo Vibram®.

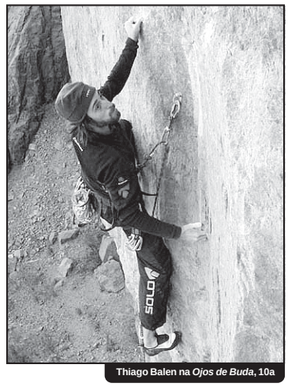
SNAKE
Reach the top

www.snake.com.br

Internacional

Thiago Balen na Argentina, Americanos na Patagônia, Piolet d'Or 2006...

ELISEU FRECHOU | SP


Thiago Balen na *Ojos de Buda*, 10a

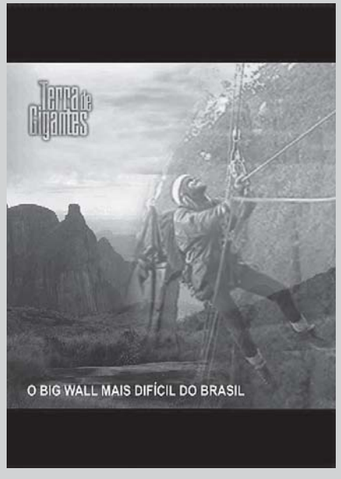
Balen manda 10a à vista
Logo após mandar Ojos de Buda em La Buitrera se tornar o primeiro brasileiro a manar um 10a à vista, o escalador gaúcho Thiago Balen continua barbarizando na Argentina. Nos últimos dias, Thiago conseguiu encadenar um projeto graduado em 11a, no Valle Encantado. Segundo ele: "Uma aresta única conquistada por Pere, um espanhol que vive aqui no Valle, excelente escalador e de impressionante "buena onda". Sobre a via sem duvida a mais difícil que provei pois não tem descanso bom e tem 35m, além de que tem uma seqüência de quase 20 movimentos sem conseguir passar magnésio, muito menos costurar. A cadena da *Directa Chalenger* foi algo impressionante, nunca exigi tanto da mente e do corpo. Não costurei a ultima proteção antes da cadena, coloquei pra jogo e passei batido, tipo tudo ou nada, um estição de 5m ou mais e as proteções não são perto..." Com isto, o primeiro 11a Argentino foi encadenado por um brasileiro. Thiago tem o patrocínio da Solo, Equinox e Big Wall

Piolet d'Or
Steve House e Vince Anderson se tornaram os primeiros americanos a ganhar o Piolet d'Or, quando receberam em fevereiro o prêmio, dado pelo Groupe de Haute Montagne e Montagnes Magazine. A sua escalada no pilar central da face Rupal do Nanga Parbat foi considerada a mais importante ascensão alpina do ano.

Copa do Mundo de Gelo
Harald Berger da Austria e Ines Papert da Alemanha são os campeões de 2006 da Copa do Mundo de Escalada em Gelo. A final foi em Hemsedal na Noruega, onde Berger venceu a etapa, fechando bem a competição.

Rápido e livre
Os americanos Tommy Caldwell, Topher Donahue and Erik Roed liberaram *Linea di Eleganza* (8b) no Fitz Roy, Argentina. Foi a primeira ascensão à vista da rota, além doque, foi feita em uma só investida.
Os conterrâneos Bean Bowers e Josh Wharton lireraram o *Pilar Casarotto* também no Fitz Roy, em apenas 16 horas.

Cascata de gelo
A via de Markus Bendler, *Hells Angels Paradise* em Schleierwasserfall, Áustria, é a mais nova proposta de gelo extremo na Europa. Escalada pela primeira vez em janeiro, a via estava a mais de 1 ano esperando por uma ascensão, que segundo Markus, chegou ao grau M14-. Se for confirmada, será a rota de dry tooling mais difícil do planeta.

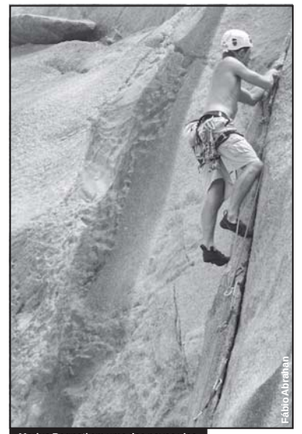


Oito anos após seu lançamento em VHS, o documetário **Terra de Gigantes** do diretor Wiland Pinsdorf vem relançado no formato DVD previsto para abril deste ano. O novo formato traz imagem e som digital, com extras das entrevistas integrais dos escaladores Eliseu Frechou, Sérgio Tartari e Márcio Bruno.
O filme mostra a primeira repetição da rota de mesmo nome na Pedra do Sino (Teresópolis, RJ), e primeira ascensão em estilo cápsula desta via considerada até hoje o big wall mais complexo do Brasil, onde durante 5 dias os montanhistas escalaram o mito, 11 anos após a conquista por Sérgio e Alexandre Portela.
À venda nas lojas de equipamentos e no site do Mountain Voices a partir de abril de 2006, pelo preço médio de R$ 30,00.

Encontro de escaladores em

Santa Catarina

Associação Catarinense de Escalada e Montanhismo e a Oficina de Aventuras promovem encontro de escalada e inauguração de novo point a beira-mar.


Marius Bagnati em uma das novas vias.
Fábio Alarcon

De 23 a 25 de março a ACEM - Associação Catarinense de Escalada estará promovendo um encontro de escalada no Parque Aventura na Pedreira do Itaguaçu, onde além das vias que já existem serão equipadas duas vias onde vai acontecer um desafio de escalada, os critérios serão parecidos com os de uma competição indoor, com cadena ou agarra mais alta, com semi final e final, só que em rocha. Não será cobrada inscrição e haverá uma premiação simbólica.
Haverá também uma projeção de slides e um jantar de confraternização.
No sábado (dia 24) a ACEM em parceria com a Oficina de Aventuras, vai inaugurar, um campo escola com mais de 30 vias e graduação do 4° ao 8°, no costão entre a praia da Barra da Lagoa e a praia da Galheta e por ser na beira do mar, foram usadas somente chapeletas e chumbadores de aço inox pra suportar a corrosão. As vias foram equipadas pensando na segurança, mas existem também muitas fendas para escalada com o uso de equipo móvel e muitas com baixa graduação para quem está começando.
Mais informações no site: www.acem.org.br

LOS ARENALES
TRADICIONAL ARGENTINO

A cidade de Mendoza "respira" Aconcágua, mas há também a bela região conhecida como *Cajon de Los Arenales*, a apenas 135km a sudoeste da cidade de Mendoza e destino tradicional de primeira grandeza.

BERNARDO COLLARES | RJ

Mendoza é a cidade base para quem quer escalar em Arenales. A primeira coisa a fazer ao chegar na cidade é instalar-se em um dos muitos hotéis existentes onde o preço por dormida gira em torno dos R$15,00 e R$20,00 (preço de janeiro/2006).Uma vez instalado você precisa comprar comida, benzina, o guia de escalada da região (é claro!) e o que mais necessitar para os dias que irá passar escalando, pois, nos locais das escaladas não há nada. O supermercado razoável mais próximo fica em Tunuyán, ou seja, mais de 50km. Na cidade de Mendoza tem ótimos supermercados, informe-se no hostel. Porém, existe um local onde é obrigatório comprar algumas coisas que é o Mercado Central, ali é possível comprar grãos (aveia, granola, etc), frutas secas e até pão. Basta perguntar no hostel para saber o endereço.

Bom, você já tem comida e está louco para ir escalar/caminhar. Sugiro contratar em Mendoza alguém para fazer o traslado até Arenales. Quem nos levou e buscou nas nossas duas idas lá, foi o Roberto (tel - 0261-156608571 / 0261-4270023). Gostamos muito do serviço dele. Deixa você perto do refúgio e marca o dia para buscar. Nesse janeiro de 2006, ele cobrou (ida e volta) para duas pessoas o valor de 340 pesos (tenham certeza de que vale cada centavo).

Escalar em Cajon de Los Arenales é sinônimo de vias longas, com proteções móveis e comprometimento. Encravada no Cordón Portillo, cordilheira frontal dos Andes. Seu acesso mais simples é vindo do norte (Mendoza) pela ruta 40 até a cidade de Tunuyán. A aproximação continua para o oeste pela ruta 94 até alcançar um pequeno povoado de nome El Manzano Histórico (42km a oeste de Tunuyán). A partir daqui a estrada não é mais pavimentada e não há ônibus. São 12,5km até o Refúgio Portinari que está a 2.500m de altitude. Este refúgio é um posto da Gendarmeria Nacional e é possível acampar perto dele. Mas, o melhor local para acampar fica uns 2km acima, perto do Refúgio Cajon de Los Arenales, construído pelo Club Andino Tupungato e está a 2.650m (aproximadamente). Esse refúgio não tem ninguém tomando conta. Nele é possível dormir (recomendo dormir em barraca) e é um bom local para fazer as refeições, se proteger do vento ou tempo ruim e conhecer as pessoas.

Chegando em Arenales procure um bom e protegido local para montar barraca. O melhor "point" fica uns 100m antes do refúgio, quase na base de uma via esportiva muito forte (7c+ francês) de nome "Pichula de Caballo" numa imensa pedra. Visto a via ser muito forte e o local não receber muitos escaladores esportivos, dificilmente haverá gente ali escalando. Esse ano apenas uma pessoa tentou a via e nós nem vimos, pois estávamos escalando. Inclusive, é possível usar a primeira chapa para pendurar alguma comida, pois ali tem uns camundongos que se der bobeira comem tudo. Dentro do refúgio encontram-se também vários ganchos para pendurar comida.

Caso esse local esteja ocupado, tem um outro bom onde possivelmente você terá vizinhos, este, fica um pouco antes do abrigo e à esquerda (de quem está de frente para ele), com a proteção de uma grande pedra (bem menor que a outra), mas muito bem protegido dos possíveis ventos andinos.

Cuidado com os locais que ficam à direita do refúgio, ou seja, entre ele e o rio... pois, ali de um dia para outro vira charco.

A comida que necessita de resfriamento (manteiga, queijo, frutas, cerveja, etc...) pode ficar no rio e irá durar toda sua estadia. Será necessário montar uma mini fortaleza com pedras e colocar a comida dentro... cuidado para a forte correnteza não levar tudo.

Você está instalado, geladeira cheia e doido para começar a escalar....

Para dar uma aclimatada uma boa é, nos primeiros dias, ir à parte "baixa" conhecida por Grande Muralla de la Mitria. Ali você vai encontrar muitas vias com proteções fixas e também vias móveis e até umas esportivas. Para chegar basta uma rápida caminhada com uma leve descida de uns 30minutos (no máximo) até chegar num planalto que antecede as paredes e depois de escolher para qual parede vai, sobe o cascalho (mais uns 15m).

Na parede da Mitria qualquer via é boa para começar. Logo à direita dela temos a área da "Mesocanales", "Placa de Amici" e Espolon Del Lobo "(está tudo no guia de escalada que tem uma edição de 2005). Nesta área, as boas vias são:" Amici Miei "(6a - 85m)," Danza com Lobos "(6a - 85m)," Intercooler "(5+ - 125m) e" Rosso di Será" (6a - 90m). É possível fazer todas no mesmo dia.

Um pouco mais abaixo e à esquerda tem uma parede com nome de "Muralla Central", onde as vias são totalmente em móvel. A via "Patrícia" (6a+ - 200m) é muito boa..... e se quiser algo mais puxado tem a excelente "Cinemascope" (6b+ - A1 – 200m) onde um camalot 5 vai muito bem. Fomos sem ele e tivemos que fazer mágica.

Já escalou alguns dias por ali e você está doido para ir para as agulhas mais altas... A primeira boa área para conhecer é o "Grupo Campanille Alto" localizado à esquerda de quem está de frente para o refúgio. Não se iluda, a subida parece "mole".... mas não é. O melhor caminho para subir é o indicado no guia de escalada local, ou seja, ir lá pra direita e quando chegar perto dos imensos blocos... subir um pouco à esquerda, buscando o chão mais sólido. Já para descer o caminho é quase 100% diferente, o melhor é descer literalmente esquiando nos cascalhos, agora sim você estará buscando o caminho mais "mole". Na descida, após passar em frente ao "Sapo", uns 100m abaixo, o cascalho acaba e passa a ter pedras maiores, vai para direita nesse ponto e continua descendo pela trilha de "esqui" até chegar muito perto do refúgio.

Uma boa idéia é, quando subir, deixar todo o equipo lá em cima, pelo menos enquanto o local é pouco freqüentado.... quando ficar igual ao Frey o risco do algo sumir irá aumentar. Assim, se você optar por deixar o equipo lá em cima, é interessante elaborar uma logística para vir fazendo as agulhas de cima para baixo.

Uma sugestão é escalar primeiro a Agulha "Torrecilla", com 3.250m de altitude, pela via "Universo Mental" (6b – 120m, a graduação será sempre fornecida na forma local, ou seja, francesa). Além da via ser muito agradável de fazer, o rapel dela é pelo lado oposto que foi escalado na direção da Agulha Charles Webis que é a mais alta dessa área. Chegando na base da "Torrecilla" separe todo o equipo da escalada e junte o resto para deixar na base da Charles Webis. Basta contornar pela esquerda e deixar as coisas ali na base. Quando você rapelar, irá chegar exatamente onde está o equipo.

Bom, o equipo já está lá em cima e você ainda está com gás para escalar no dia seguinte. Então, divirta-se nas duas Agulhas... Charles Webis e Campanille. Na Charles Webis (3.450m) sugiro fazer primeiro a via "Fuga de Cabras" (6b – 210m), pois além de ser uma ótima escalada, é a melhor via para rapelar desta agulha. Assim, quando fizer outras vias é recomendável descer pela "Fuga de Cabras". Outras vias recomendadas são: "Ya Te guaverigua" (6b – 110m) aqui pode emendar em outra via e ir para o cume, "panqueques" (6b – 200m), "Turuleca" (6b+ - 60m), também pode emendar em outra via e continuar subindo, via muito técnica e com dois tetos alucinantes de entalamento de mãos, "El escorpion" (6b+ - 210m) uma das melhores vias do local. À direita da via "Souvenir Invernal" tem uma nova conquista feita por mim e a Cris Jorge. A via ficou muito boa: "Los Tabanos" – (6b – 220m). O camalot 5 é necessário. E mais à direita ainda tem uma outra via igualmente conquistada por nós, via "Pilar de la Derecha" (6a+ - 230m). Neste caso, para chegar na base é necessário contornar pela frente da "Torrecilla". Deixamos um croqui de cada colado na parede do Refúgio.

Você já fez a festa nessa Agulha, mas, precisa conhecer as outras e o tempo está passando....

Logo ao lado tem a Agulha "Campanille" (3.400m). Duas vias são boas de fazer nesta Agulha: "Cuyanita" (6a+ - 215m) e a "Armônica" (6a - 220m). A descida é feita por outra linha. A melhor opção para a corda não prender, é fazer um rapel curto (25m) do cume até o bico de pedra (sempre tem umas fitas velhas ali). Após este rapel, você pode escolher emendar a corda ou continuar descendo apenas com uma. Mas, não emende corda no primeiro rapel.... a corda irá prender.

Uma vez satisfeito com estas duas agulhas, você deverá descer o equipo até perto da Agulha Espina (3.200m). Deste ponto é possível fazer a própria Espina onde temos duas vias muito boas. A imperdível "Mundo Interior" (6c – 160m) e a "La Matuasta" (6b – 150m). Com o equipo nesse ponto, tem ainda a curta agulha Filomena e a "La Testa".

Achando que já está bom de escalar nesse local, uma boa opção agora é fazer algo maior e ainda mais comprometido na Agulha "El Cohete". Quando for descer, pegue o equipo e leve até a base da agulha. Para escalar a agulha "El Cohete" pela primeira vez é recomendável ir bem cedo, pois além do rapel ser grande, não é muito rápido. A melhor via, sem dúvida, é a "Mejor no hablar de ciertas cosas" (6b – 500m). As outras vias são variantes dela: a atraente "De los techos" (6b – 180m) e a "Chipi chipi bon bon" (6b – 140m) com belos entalamentos de mãos.

Já com o equipo de volta à barraca ainda tem algumas boas opções por ali, por exemplo, a Agulha "Carlos Daniel", que tem fama de ter ainda mais pedras soltas, lá tem uma via que vale fazer é a "Deja ya de joder" (6a - 280m).

Isso foi apenas uma sugestão de logística. A logística de cada um vai depender de quanto tempo irá ficar lá e do que está querendo fazer. Ainda existem um "sem número" de opções para escalar e conquistar. É importante tomar bastante cuidado com as pedras soltas, a coisa é realmente séria, inclusive no rapel quando puxar as cordas.

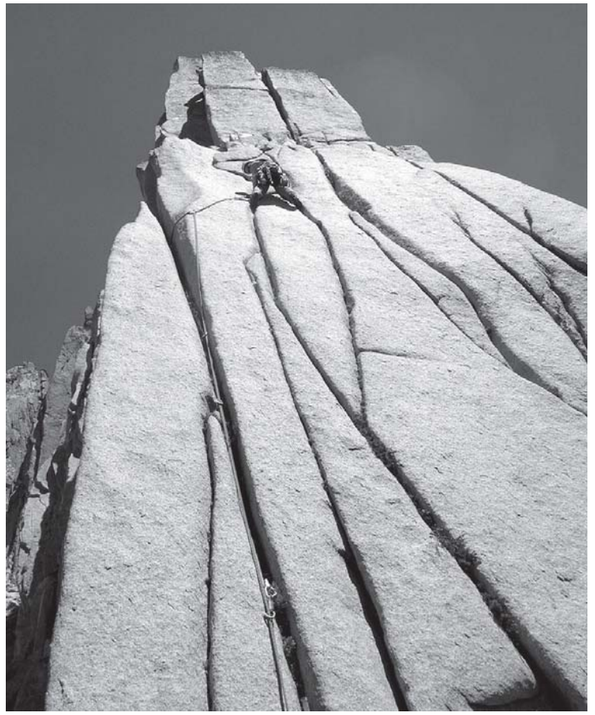
Para a maioria das agulhas é obrigatório ter duas cordas. É também obrigatório levar bastante fitas e cordeletes para abandonar nos rapéis, pois muitos são feitos em bicos de pedra e outras de chapa. O bastão de caminhada é muito bem vindo para encarar as muitas subidas e descidas no cascalho. E ainda, é possível fazer muitas e belas caminhadas pela região.

Quanto à graduação, tenho visto todo tipo de comparação da nossa graduação com a francesa. Assim vou deixar qual foi a minha impressão nesse local:

Até 6a, é igual ao nosso. O 6a+ varia entre o nosso 6 e o 6sup. O 6b pode ser 6sup ou 7a. 6b+ fica mais para o 7b. E o 6c fica entre 7b e 7c.

Faço aqui meus agradecimentos ao Edu e Julie de Floripa que nos ajudaram muito quanto estivemos lá na primeira vez, inclusive, nos deram muitas das dicas acima.

..."Não existem montanhas próprias... o que existem são experiências próprias. As montanhas muitos podem subir, mas ninguém poderá invadir jamais as experiências que são nossas e que como tal permanecem"..... (Walter Bonatti)

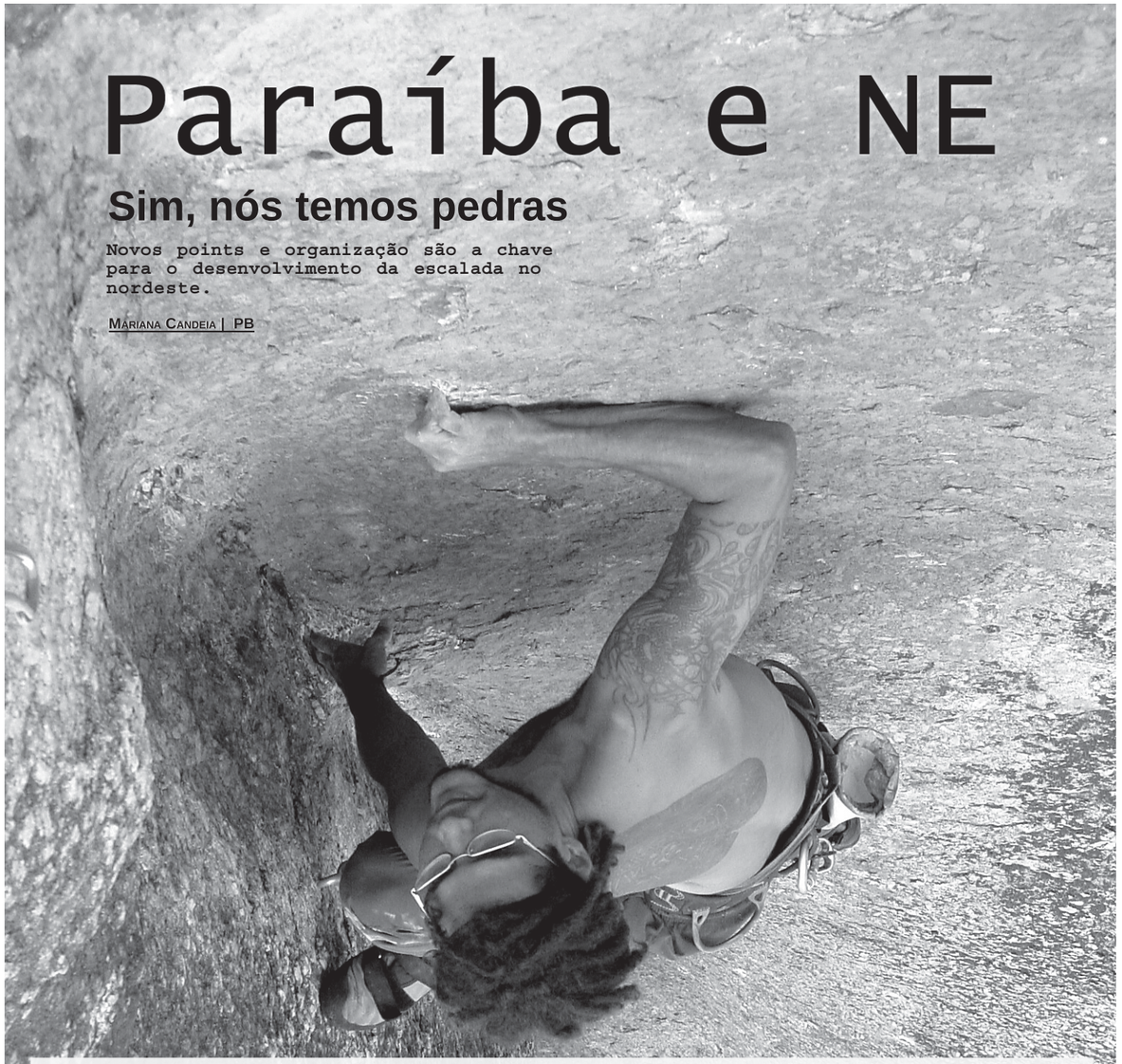


Paraíba e NE

Sim, nós temos pedras

Novos points e organização são a chave para o desenvolvimento da escalada no nordeste.

Mariana Candeia | PB



Quando se escuta falar em Nordeste, de imediato, por grande parte dos brasileiros, há uma associação do lugar à pobreza e seca severas. Isto, inclusive, é apontado por várias pesquisas antropológicas e sociológicas do país. De fato, durante vários anos foram e ainda são, infelizmente, elementos fortes desta região, embora esta limitada percepção tenha ampliado e, atualmente, as belas paisagens, praias e cultura ocupem igualmente lugar nesta representação.

Quando se escuta falar de Paraíba, a questão já é mais delicada. Não apenas pelo desconhecimento do lugar, mas principalmente, e anterior a isto, existe um dado que muito reflete a ignorância pública. A palavra "paraíba", em si, está em alguns estados brasileiros, imersa no preconceito e na discriminação. Pejorativamente a palavra "paraíba" , é utilizada por muitos, para apontar indivíduos considerados inferiores social, intelectual e culturalmente. Em se tratando de escalada, a região Nordeste, passa também muito longe desta pseudo-caracterização. O nordeste, como um todo, tem um imenso potencial geológico e propício para a escalada em rocha. Comparando com o restante do país, mais especificamente a região sul e sudeste, desenvolve-se lentamente, mas ao mesmo tempo, de uma forma muito engajadora e consciente. Há pelo menos duas décadas que as explorações tornaram-se mais freqüentes, inicialmente, através de poucos escaladores de outras regiões que mostraram interesse e ousadia em enfrentar culturas e territórios diferentes dos seus. Na última década, a escalada nordestina evoluiu consideravelmente em número de conquistas, número de escaladores e mobilização. Criação de clubes e associações, ginásios de escalada, campeonatos locais e regionais, listas de discussões virtuais, deram suporte a maximização dos intercâmbios e, conseqüentemente, oportunidades ao desenvolvimento da atividade.

Apesar de pouco tempo de escalada, sinto este desenvolvimento num ritmo bastante acelerado. O recente IV Encontro de Escaladores do Nordeste, em novembro de 2005, realizado no município de Araruna na Paraíba, veio confirmar esta mobilização através do grande número de escaladores vindos de diversos estados nordestinos (CE, RN, PE, BA, PB e AL).

Em toda sua extensão a Paraíba dispõe de muitas formações rochosas para a prática de escalada. À 70 km de João Pessoa, temos a Pedra do Banguelo, no município de Mongeiro, escaladas de 4 ou 5 enfiadas, muito gostosas. Um pouco mais adiante, na mesma direção, está Campina Grande onde concentra-se grande número de escaladores, isto deve-se ao fato de que dentro dos limites da cidade existe duas fortes áreas de escalada: A Pedra do Marinho e o Parque do Poeta, que apesar de não terem rochas muito altas, propiciam aos escaladores locais uma escaladinha diária a qualquer hora e com um clima bem mais ameno. No Parque do Poeta destacam-se boas escaladas esportivas, como a Vitamina D (VIsup) e Vitamina C (7a), e algumas escaladas com fendas e chaminés.

Bem pertinho dali, no município de Cabaceiras, cercado por uma impressionante caatinga preservada está localizado o sítio arqueológico Lagedo Pai Mateus à 70 Km de Campina Grande, um lugar surreal, um imenso lagedo com dezenas de boulders em granito de formas exóticas e arredondadas. Em alguns dos boulders do Lagedo não se pode escalar, devido às inscrições rupestres e ao turismo geológico existente. Mas, há uma infinidade deles espalhados pela área da Fazenda Pai Mateus para fazer a festa de qualquer escalador, ficar ali até o pôr-do-sol vale muito a pena, reflete magia naquela natureza tão exótica.

Avançando para o sertão paraibano, encontramos rochas mais altas, destacam-se ali, a Serra de Picotes, São Mamede; Pedra do Yayu, Santa Luzia; Pedra da Touruna, Mãe D'água, entre muitas outras. Alguns dos maiores obstáculos para os escaladores nestas áreas são o excessivo e quase insuportável calor e o acesso complicado. Já estive em algumas destas pedras e é interessantíssimo o contato com a cultura e povos em locais onde a simplicidade e humildade regem suas vidas.

Em Araruna está localizado o maior ponto da escalada paraibana: o Parque Estadual Pedra da Boca. Distante 172 km da cidade de João Pessoa, PB e 100 km da cidade de Natal, RN, esta Unidade de Conservação possui infra-estrutura básica como: água, luz e tem seu principal acesso pela cidade de Passa e Fica, RN, distante apenas 4km da entrada do Parque. Possui uma área de 157,26ha que engloba mais de 15 rochas em sua maioria com mais de 100 m. de altura. É, certamente, o paraíso dos escaladores paraibanos, que freqüentam assiduamente o local. Chegando ao parque, a maioria acampa no quintal de Seu Tico, morador local, que fica literalmente de frente para a Pedra da Boca. As caminhadas de aproximação para as paredes variam de 10 a 50 minutos, o que favorece várias escaladas em várias pedras durante todo o dia. Existem muitas vias no Parque, e o percentual inexplorado é consideravelmente maior. Escalada tradicional, com agarras e pequenos regletes, de uma forma geral caracterizam o lugar. Diedros, fendas, tetos, lacas, negativos, escalada esportiva, chaminés, tem um pouco de tudo na Pedra da Boca. Fica difícil selecionar algumas, até porque participei de grande parte das conquistas do Parque e porque gosto de quase tudo, mas estas são bem interessantes: Diedro Cavalo de Tróia, um lindo e exigente diedro (6º VIIc E1 D1); Dona Encrenca, escalada mista (3º VIIc E2 D2); Via Sacra, clássica (3º V E2 D2); Rapadura é Doce Mas Não é Mole Não, toda em móvel formando uma curva da vertical para a horizontal, voltando pra a vertical (5ºV E2 D1); T-Rex, esportiva, seguindo uma fenda cega (7a), dentre muitas outras. É realmente fantástico acordar cedinho na Pedra da Boca com os galos, pavões, pássaros, uma verdadeira sinfonia, na medida que os primeiros raios de sol vão iluminando as várias pedras de formatos curiosos do Parque, como a Pedra da Caveira, Pedra da Boca, Pedra do Coração.

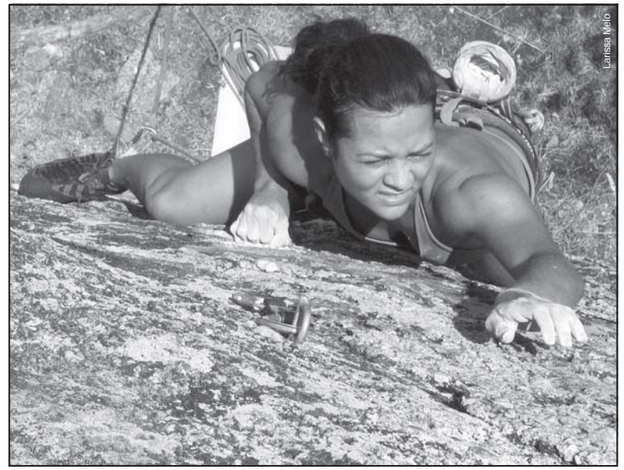
O ideal é começar a escalar cedinho, pois como muitos sabem, o clima nordestino é muito quente, mesmo com sombra nas bases das vias e em grande parte delas. Depois de escalar durante o dia em paredes maiores, é legal no fim de tarde, fazer vias esportivas na sombra e brisa no setor chamado Jurassic Park.

O Parque Estadual Pedra da Boca fica mais próximo de Natal, RN do que de João Pessoa, PB, por isto também, que muitos escaladores quando estão no parque costumam dar uma esticadinha além dos limites da Paraíba e em aproximadamente 40 minutos de carro, virando à direita em Tangará, RN em direção à Natal, encontramos um dos melhores picos de escalada do Rio Grande do Norte: Serra Caiada. Com formação em gnaisse e de tonalidade amarelo clara, as escaladas em Serra Caiada diferem bastante do Parque Pedra da Boca, agarras, lacas e abaulados na maior parte das vias. Chegando lá é possível acampar embaixo do negativo do boulder principal, onde existem algumas boas travessias, artificial em teto e escaladas esportivas, como por exemplo, a Grampeleta (VIsup), e a Invasão de Privacidade. Já na pedra principal de Serra Caiada concentra-se o maior numero de vias, nos vários estilos: tradicional, móvel, pequenos tetos, esportiva. Vale a pena entrar na *Anaconda*, *Adios Amigos*, *Diamante de Mendigo*. Na Serra Caiada não tem água, energia elétrica, nem estrutura com banho e comida como na casa de Seu Tico, Pedra da Boca, mas, fica pertinho da cidade também de nome Serra Caiada, RN, onde encontram-se pequenos mercadinhos e restaurantes.

Querendo dar uma outra esticadinha, de mais ou menos 30 minutos de carro, chega-se em Sítio Novo no RN, pequeno município também próximo da Pedra da Boca, a 40 km, mas no sentido oposto de quem vai para Serra Caiada, ou seja, chegando em Tangará, vira-se á esquerda, logo verá uma placa se sinalização, então vira à direita e segue até chegar em Sítio Novo, lá informe-se do caminho para a Pedra de São Pedro. Com quase 300 m. e cercada de dezenas de outras rochas e incontáveis boulders, a Pedra de São Pedro tem atualmente apenas 03 vias: *Cavalo de Tróia* (3ºVIsup E2 D2), *Despedida de Solteiro* (4º IVsup E2 D1), totalmente em móvel e apenas 01 enfiada; e a *Banho de Lua*, recente conquista da qual participei junto à Bernardo Collares, escalada toda em móvel, com grampos apenas para os rapéis e com 4 enfiadas. O lugar começa a ser mais explorado por escaladores do Rio Grande do Norte, e já está sendo criado inclusive um campo-escola por lá. Assim como em Serra Caiada, não há estrutura para banho, nem alimentação, o camping tem que ser improvisado embaixo de árvores, e a cidade fica bem mais distante da pedra neste caso.

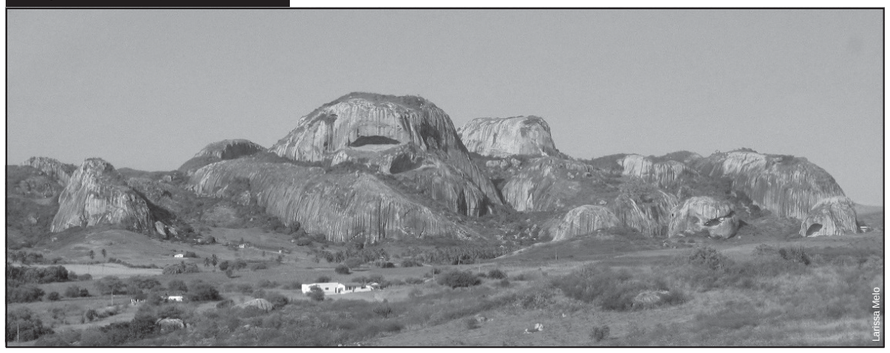
Estas são apenas algumas poucas e básicas informações para quem quer conhecer as escaladas na Paraíba e arredores. Alguns grupos de escaladores estão trabalhando para a publicação em breve de um guia de escalada do Estado. É possível também levantar várias informações através da lista de discussão do YahooGrupos: escaladanordeste, lá inclusive você poderá informar-se e ir programando sua vinda ao próximo Encontro de Escaladores do Nordeste, e cada vez conhecendo um pouquinho mais desta bela região que emana grande energia e calor humano.

O exercício de estar diante do novo, do diferente, em busca do outro, é talvez o grande combustível das viagens e com isto vamos ficando cada vez mais jovens a cada quilômetro viajado.


Larissa Melo

Mariana Nogueira

◂ Lula na *Cavalo de Tróia*, 7b.
▴ Mariana em uma das vias do Parque do Poeta, 7b.
▾ Conjunto da Pedra da Boca, PB.


Larissa Melo

O horizonte está onde você quer chegar

Na Pé na Trilha você encontra os melhores equipamentos e as melhores marcas, tudo para sua escalada.

Chega de limites! Visite nossa loja virtual, faça sua mochila e ponha o pé na trilha, afinal o horizonte está onde você quer chegar.

www.penatrilha.com.br

Pé na trilha® EQUIPAMENTOS

FITZ ROY
PELO JEITO MAIS DIFÍCIL

EDEMILSON PADILHA | PR

Após 27 anos de sua conquista, a via *Afanassief*, na aresta noroeste do Cerro Fitz Roy tem sua primeira repetição, feita por uma equipe sulamericana, formada pelos brasileiros Edemilson Padilha e Valdesir Machado e pelo argentino Gabriel Otero.

A síntese do alpinismo resume-se em uma palavra: autonomia. E autonomia para um escalador significa sair de um acampamento base carregando o estritamente necessário, mais suas habilidades conquistadas ao longo de anos de erros e acertos. É um desprendimento, nos desvencilhamos da mochila cargueira repleta de equipamentos que confere uma falsa segurança a um escalador. E nesta temporada na Patagônia nos aprofundamos nesta arte.

Chegamos em El Chaltén num sábado à noite e fomos recepcionados por nossos "hermanos" argentinos Javi e Loro. Nosso acampamento já estava montado. Era só nos instalarmos e prepararmos as mochilas para escalar. Assim fizemos, e dois dias depois iniciamos nossa primeira tentativa. Rumamos para a via Buscaini, na Agulha Saint Exupery, pois queríamos aproveitar cada janela de bom tempo. Esta via foi conquistada em 1968 por uma equipe italiana e percorre a aresta leste da montanha por 850 m. de escalada em rocha e gelo. O nome da via se deve à um integrante da equipe, o escalador Gino Buscaini que foi um dos grandes exploradores das montanhas Patagônicas.

Nosso plano era o de escalar em duas duplas: Edemilson Padilha e Valdesir Machado, William Lacerda e Gabriel Otero da Argentina. Pegamos uma tempestade na décima enfiada da via e já era, descemos. Durante o caminho de volta senti que estávamos um pouco pesados. Aquilo me incomodava, no Brasil sempre tentamos reduzir ao máximo o peso para aumentar a velocidade.

Na segunda tentativa resolvemos inovar, e saímos de Chaltén com a intenção de fazer a aproximação, escalar e retornar praticamente sem parar. Os outros escaladores não acreditaram quando saímos do camping com mochilas de 40 litros. Agora éramos três: eu, Val e Gabriel. Fizemos a caminhada de aproximação muito mais rápido e quando anoiteceu estávamos atravessando o glaciar para chegar à base da via, começamos a escalar às 2 da madrugada e, ao amanhecer, já estávamos na décima terceira enfiada, de um total de 28. Eu e Gabriel revezávamos a ponta da corda, pois o Val tinha um dedo do pé estourado por um bloco e estava de jumar. Da 14ª à 18ª enfiada foi o trecho mais vertical da via, com enfiadas de 6a a 6c francês. Depois veio a enfiada da "ponte de pedra" que foi impressionante e também deu muito medo, pois tivemos de subir por uma pilha de blocos encaixados que pareciam que estavam para cair. Neste ponto chegamos ao terço final da montanha, onde tivemos muitos trechos com neve e um sem fim de zique-zagues. Quase no final, o Val decidiu

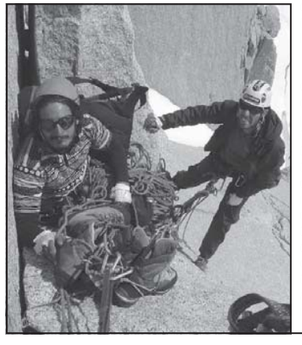
Peter Abrahan

guiar uma enfiada de 6b com bota num pé e sapatilha em outro, quando chegou ao final pôde avistar o conjunto todo do Cerro Torre. Mais duas enfiadas e pudemos curtir a vista do cume da Agulha Saint Exupery, depois de 16 horas de escalada. Comemos, hidratamo-nos e iniciamos os rapéis, os quais adentraram a noite. Quando cruzamos novamente o glaciar, o cansaço já se fazia presente, escutávamos vozes, música e de vez em quando pensávamos que estávamos em um bosque. Foi literalmente alucinante. Pisamos em El Chaltén 48 horas depois de sairmos, e comprovamos nosso estilo leve e rápido, pois durante os rapéis o tempo virou e quando chegamos à cova de La S, que era um ponto protegido, começou a chover. Se tivéssemos demorado algumas horas a mais, talvez não obtivéssemos sucesso.

Alguns dias de engorda em El Chaltén, regados por boulders, slack line, auxílio em um resgate e elegemos nosso próximo objetivo: o Cerro Fitz Roy. Devido a grandes nevascas, a face voltada para o leste estava congelada. Voltamos nossos olhares para a face oeste, avaliamos as alternativas, falamos com o Dean Potter, escalador americano, que já tinha feito a *Supercanaleta* com a Roberta Nunes, escaladora brasileira, que já havia feito boa parte da via *Afanassief*, acompanhada do já falecido Jose Pereira, venezuelano. Coletamos todas as informações sobre aquele lado da montanha e decidimos entrar na gigante Via Afanassief, nome do idealizador da expedição francesa que a conquistou em 1979. As informações que tínhamos eram desoladoras: 2300 metros de via, sem croqui, pois o Afanassief não quis fazer, na face mais desprotegida do vento, com uma janela duvidosa de 2 dias ventosos, 27 anos que a rota foi conquistada, e ninguém tinha conseguido repeti-la ou seja, tudo a favor.

Saímos de Madsen, nosso camping em El Chaltén, com uma idéia fixa na cabeça: pouco equipo, muita velocidade. Fizemos a caminhada de aproximação que passa pelo camping Piedra Del Fraile e depois pelo bivaque Piedra Negra, onde tiramos um cochilo, pois sabíamos que não passaríamos bem a noite sem nossos sacos de dormir. Cruzamos o Passo Del Quadrado e entramos no espantoso vale da face oeste do Fitz Roy. Porém, espantados mesmo, ficaram os americanos que estavam no bivaque da base da via, quando dissemos que íamos todos para a mesma via. Nunca ninguém repete esta rota e no dia seguinte teríamos duas cordadas na via, que coincidência.

Encontramos uma pedra plana para dormir no mar de blocos de rocha que é base da via, por sorte tinha água corrente do glaciar que se derretia. Enchemos nossas 3 garrafas e na volta demos de cara com os restos mortais de um escalador, uma massa de ossos e equipos horripilante, tiramos algumas fotos e as entregamos aos guarda-parques posteriormente. Passamos uma noite gelada dentro de nossos sacos de bivaque, acordamos cedo para o café da manhã e nos dirigimos para a base da via, mas a outra equipe nos passou na rampa de gelo de acesso, pois não levávamos grampons para todos, para reduzir peso. Quando chegamos à base nos disseram que iriam na frente ao que respondemos que nós estávamos mais leves e iríamos mais rápido. Eles não acreditaram e começaram a escalar e nós no seu encalço, eles tiravam o pé de uma agarra e nós já colocávamos a mão. E seguimos nesta "peleia" por quase 1000 m. de via, foi quando chegamos ao crux da via, uma parede empinada de uns 400 m. com um começo não muito óbvio, gelo nas fissuras e três gringos dizendo que iam montar seu bivaque e que poderíamos passar. Mostraram-nos uma foto da face oeste do Fitz com a linha da via. Pedimos para tirar uma foto deste pseudo-croqui, o qual nos foi útil mais acima. Voamos por enfiadas duras de 6º grau francês e paramos para bivacar quando não podíamos mais escalar pela escuridão. Macarrão, café quentinho, torta, muito frio, se o bivaque anterior era 4 estrelas, este era só 2, por sorte a comida era boa e conseguimos dormir por umas horas. Amanheceu e pela previsão dos irmãos Huber, teríamos uma quarta-feira esplêndida, mas não era o que se delineava. Muitas nuvens no oeste que pareciam ameaçadoras. Estávamos muito alto para descer. Rapelar 1500 m. abandonando todo nosso equipamento não estava em nossos planos. Seguimos adiante, pois o vento não estava forte e as nuvens não muito carregadas. Passamos uma manhã de mãos congeladas, pelo gelo nas fissuras e porque escalávamos na sombra. Mais acima saímos da geladeira e fomos brindados com um sol maravilhoso, um pouco de vento, mas o mais importante é que o Gabriel viu o Pacífico! Não sabemos se foi uma visão, pela falta de sono, mas a verdade é que depois das nuvens que estavam sobre o gelo continental, no oeste, o céu estava limpo, o que era um bom sinal.



No topo

O Valdesir guiou uma enfiada de off widt, a mais dura da via toda, protegendo do jeito que deu, pois nossa maior peça era um camalot #4 e entramos na canaleta final, que leva ao cume. Muitos metros fáceis, porém tendo de desviar o tempo todo das partes congeladas pelo verglass que sempre se forma perto do topo. Escutávamos as rajadas de vento estourando na aresta que nos protegia. Seguimos boa parte em simultâneo e, com céu aberto, às 19:30 pisávamos o cume do Mr. Fitz Roy, depois de 36 horas de escalada! A *Afanassief* agora já tinha uma repetição, depois de 27 anos! Estávamos flutuando e ainda de quebra, livramos a via, que antes de nossa repetição tinha partes em artificial.

Um pouco de vento e muita preocupação com a descida, pois não conhecíamos a via de rapel. Fotos rápidas, vestir as botas, pois escalamos toda a via com sapatilhas, colocar as polainas, um grampon, ajeitar as cordas, preparar o material para abandono e iniciamos os rapéis. De cara já tivemos de sair montando os pontos de rapel, pois havia muita neve e estes estavam escondidos. Descemos no rumo enquanto havia luz, depois nos perdemos completamente e seguimos a intuição, pois não víamos a direção. Buscávamos uma plataforma para passar a noite e não a encontramos, quanto mais descíamos, pior se apresentava a parede. Até que achamos um lugar para passar a noite sentados, talhamos um platô de gelo com os piolets, derretemos três panelas de neve para fazer suco, que bebemos vorazmente, pois a água já havia acabado antes de chegarmos ao cume. Víamos as luzes de Chaltén e isto nos deixava ainda mais ansiosos para descer da montanha. Quando terminamos, o dia nasceu, por sorte estávamos protegidos do vento que soprava do oeste.

A luz do sol nos deu ânimo novo, mas a alegria durou até o momento em que puxamos a corda e ela enroscou num ponto extremamente difícil de soltar. Este foi um dos momentos mais tensos da escalada, pois estávamos perdidos, tínhamos passado uma noite gelada, sem dormir e agora a corda enroscava. Foi difícil manter a calma e resolver uma coisa de cada vez, sem entrar em pânico. Com malandragem, o Gabriel desenroscou a corda, e desci 10 m. até o diedro bem marcado da Franco-Argentina. Passamos de um estado de pânico para o êxtase. Encontramos Thomas Huber e seu parceiro Andy mais abaixo tentando a via pela qual descíamos. Eles não entenderam nada, pois todas as enfiadas que tentavam pelo leste haviam sido rechaçadas pelas condições da parede ou pelo vento. E nós vínhamos do cume!

Rapelamos tranqüilamente e mais abaixo paramos para descansar e comer algo, encontramos um buraco na rocha cheio de água, acho que tinha uns 4 litros. Jogamos um pacote de suco dentro e tomamos com um canudo, foi surreal. Mais sete rapéis na *Brecha dos Italianos*, que é incrivelmente protegida do vento e pisamos no glaciar. Uma das cordas já era, sua capa estava cortada, nos encordamos na outra e começamos a cruzar o Glaciar do Passo Superior que dá acesso às covas de gelo e depois ao Lago de Los Tres, onde deixamos o gelo e as gretas horripilantes para trás para caminhar por uma trilha normal até o Acampamento Base Rio Blanco. Aí tomamos uns mates com os brasileiros e festejamos juntos nossa escalada. Eles nos contaram que os guarda-parques estavam à nossa procura. Seguimos ainda até Chaltén, onde encontramos os americamos que estavam conosco na via e que haviam rapelado do ponto de bivaque no meio da parede. Disseram que estavam muito preocupados e que eles é que tinham contactado os guarda-parques para acionar um resgate.

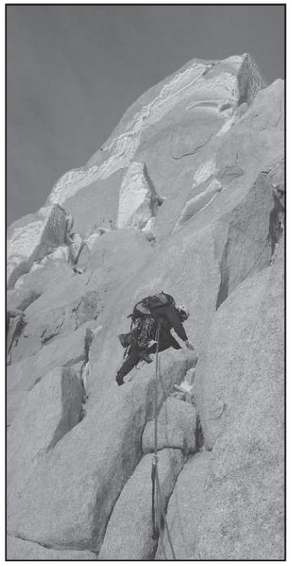
Foram quase 4 dias da saída de Chaltén até o retorno. Não podíamos acreditar, ninguém podia acreditar, foi uma escalada dos sonhos, que fluiu naturalmente, em que seguimos nossos instintos, nossa intuição e nosso coração. Tudo aconteceu da maneira que deve ser, ou seja, de forma perfeita.

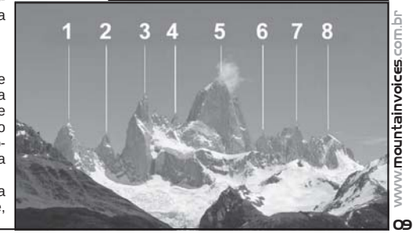
Agradecemos os patrocinadores: Snake, Território, Conquista e Nômade.

História

Na mesma época em que Casarotto lutava para abrir uma rota no pilar norte, um grupo de franceses estava empenhado em resolver um dos maiores problemas do Fitz Roy: abrir uma via em sua muralha ocidental.

Os franceses orientaram sua tentativa para a crista noroeste,





1.Saint Exupery, 2. Rafael/Juarez, 3. Poincenot, 4. Silla, 5. Fitz Roy, 6. Val de Vois, 7. Mermoz, 8. Guillaumet

que, apesar de ser muito grande, parecia oferecer boas oportunidades de subida. Do grupo, fazia parte Jean Afanassief, astro nascente do alpinismo francês, que tinha em seu currículo numerosos e importantes feitos sobre as montanhas de todo mundo e que 2 anos antes havia superado o Fitz Roy com o norte-americano Mike Weiss. Em somente 19 horas haviam feito a primeira repetição da *Supercanaleta*. Faziam parte da expedição francesa de 1979 Jean e Michel Afanassief, G. Albert, J. Fabre e G. Sourice.

Mesmo com o tempo péssimo, eles lograram transportar víveres e equipo até o pé da parede. Dez dias depois da sua chegada o tempo melhorou permitindo começar a verdadeira ascensão. Enquanto os irmãos guiavam as difíceis enfiadas da via, Sourice filmava e os outros encordavam a parede. Depois de subirem 300 m. neste estilo, alcançaram o ponto máximo de precedentes tentativas de outras expedições. Porém, três dias mais tarde, quando voltaram à parede encontraram sua barraca destruída e as cordas fixas inutilizáveis. Todavia, no dia 24 de dezembro, em perfeito estilo alpino, retomaram a escalada e, apesar das grandes dificuldades técnicas (Vº A2 ED+) e do tempo estar piorando, alcançaram o cume após bivacar 4 vezes na parede.

Complexo de Viana

Sombra e água fresca no novo point do Espírito Santo.

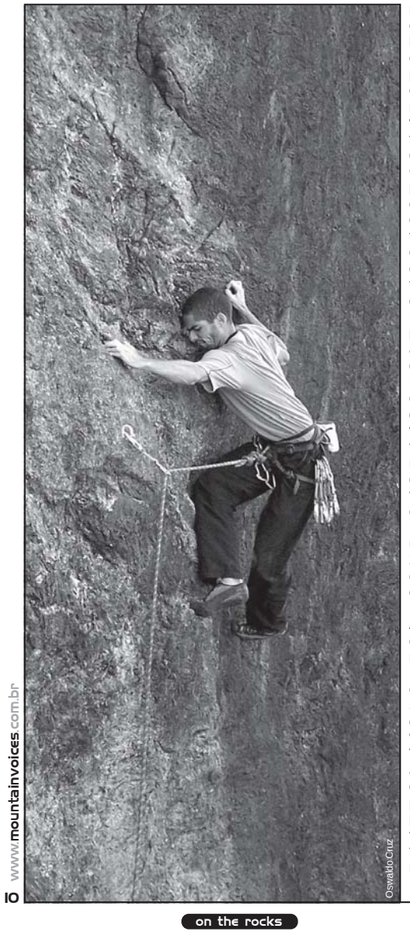
Oswaldo Cruz e Saulo Coelho | ES

Era um final de semana bem raro aquele, pois os pensamentos por incrível que pareça, não estavam voltados para a escalada. Os olhares estavam fixos no ponteiro da bússola, e a mente se esforçava para raciocinar em buscar do melhor caminho possível, analisando a carta topográfica. Estávamos nos quilômetros iniciais de uma Corrida de Aventura, que saia de Viana e finalizava em Domingos Martins, região serrana do ES. Após atravessar uma mata, saímos em um pasto, margeando um riacho à direita, até que, do nada, vimos algo espetacular: uma falésia muita grande, tanto na altura quanto na largura, se estendendo à nossa esquerda. Saulo Coelho e eu ficamos ali, parados, surpresos e sem reação. Mas a contemplação foi rápida, pois nossa equipe lá na frente já nos xingava de estarmos ali parados olhando uma pedra.

Uma semana depois voltamos, na companhia de mais alguns amigos, Roberto, Gabriel Bernardo e Gerônimo "Baiacu" para fazer um levantamento mais minucioso da falésia. Passamos pelo mesmo trajeto que tínhamos feito na corrida, bem longo e trabalhoso. Mais tarde, descobrimos com os moradores locais, que teria um acesso mais fácil, e de carro, por um vilarejo chamado Formati.

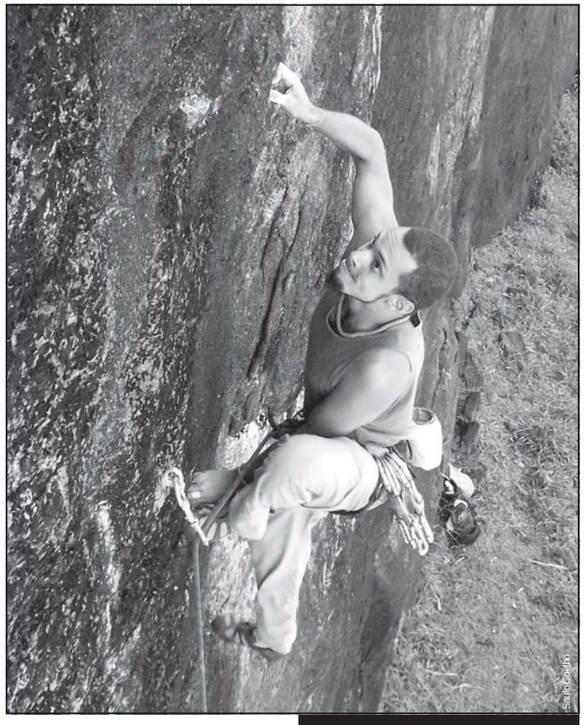
Esse segundo contato foi para comprovar o que imaginávamos: aquela falésia realmente tinha potencial, inclinação vertical com trechos levemente negativos, locais chegando a ter cerca de 25 m. de altura por uns 200 m. de largura, tudo em um granito bem escuro e abrasivo.

Empolgados ao máximo, mas com o pé no chão,nos informamos com o Sr. José Luiz, caseiro do local, sobre o proprietário das terras, o Sr. Elmi Reinolz conversamos com ele a uns quilômetros adiante em seu Pesque e Pague. Deixamos bem claro do potencial do local para escalada e em conseqüência disso, do número de pessoas que poderiam vir a visitá-lo com o passar do tempo. Firmamos um acordo, em que a ACE – Associação Capixaba de Escalada se comprometeria com a preservação do local através da conscientização dos freqüentadores, e que em qualquer momento, o proprietário poderia fechar a área caso se sentisse prejudicado com a atividade na sua propriedade.


Oswaldo Cruz

Há um bom tempo que eu vinha procurando um local em potencial nas redondezas, para dar uma descongestionada no Morro do Moreno em Vila Velha, que é hoje o point mais freqüentado da região da Grande Vitória. São 40 vias entre esportiva, móvel, artificial e boulders. Por estar literalmente encravado dentro da cidade e com fácil acesso, o local tem fluxo constante entre escaladores e outros visitantes. E assim, o impacto ambiental vira uma conseqüência. No início de 2005 a ACE adotou o local, participando ativamente na preservação, pelo Programa Adote Uma Montanha.

Agora com uma nova área descoberta e tudo acertado, era começar a abrir as primeiras vias. Uma série de investidas se sucederam, e em algumas delas, Saulo e eu contamos com a ajuda de alguns amigos: Marcio "Piveti", Caúca, Marcos "Tatu", Vitor, Délio e outros para equipar as seis primeiras vias, todas com grampos P de ½, e paradas duplas, totalizando mais de 60 grampos batidos na munheca. As vias tem graduação acima de 7º grau, todas elas bem consistentes em resistência e com mais de 20 m. de extensão, mesclando abaulados e pinças com regletes bem abrasivos.


Saulo Coelho

Oswaldo Cruz na *Twist carpado*, 7b
Saulo Coelho na *Priapismo*, 8a

Em decorrência de uma série de fatos que ocorriam na maioria destas investidas, fomos praticamente obrigados a batizar a falésia de "Falésia do Capeta". Nada que leve para o sentido realmente pesado ou negativo da palavra, mas sim uma forma de registrar os contratempos que aconteciam freqüentemente.

Na primeira semana de 2006 fomos lá para dar uma sondada nos blocos que margeiam o riacho. E foi aí que nos deparamos com um achado novamente! Os blocos se mostraram perfeitos para abrir muitos boulders. E com mais investidas abrimos 20 boulders, de altíssima qualidade, e novamente numa rocha abrasiva, particularidade constante do local.

Entre idas e vindas para escalar, abrir vias e boulders, fomos observando outras rochas que rodeiam o local, e resolvemos batizar todo aquele conjunto de "Complexo de Viana". Estimamos que a Falésia do Capeta possa abrigar cerca de 20 vias. Descendo o pasto, existem mais inúmeros boulders para serem abertos. Do outro lado do riacho mais duas paredes virgens, com vias potenciais de até 100 m. e para completar, no pasto à esquerda do estacionamento, mais uma falésia com alguns boulders aos seus pés, tudo ainda para ser desfrutado.

A 30km de Vitória está o novo point, com fácil acesso de carro, rápida caminhada de aproximação por estrada, água potável, riacho para banho, sombra à tarde, em um local muito bonito. Porém, não esqueça o repelente, ele se torna equipamento básico de segurança, por um rápido período no final da tarde, logo depois os borrachudos vão embora.

Como chegar: à partir da rodoviária de Vitória, pegue a segunda ponte e nela desça à esquerda. Siga no sentido da BR 262 passando por Viana. Mais à frente, entre na primeira à direita após o Complexo Penitenciário de Viana. São 3 Km de estrada de chão até Formati, onde continua à esquerda por mais 3 Km até uma entrada discreta à esquerda com uma tronqueira. Passe pela segunda tronqueira e logo estacione, perto de uma pedra branca antes da estrada começar a descer.

A caminhada de aproximação leva cerca de 10 minutos por uma estrada que passa pela casa do Sr. Davi e mais abaixo pela casa do Sr. José Luiz. Continue a esquerda passando por um córrego (água potável) e logo estará com a Falésia do Capeta à direita e à esquerda os boulders.

Todo processo é lento

A escalada é um esporte que vem crescendo muito nas últimas décadas, desde os anos 70, quando consistia, basicamente, em escaladas de chaminés, passando por uma evolução natural nas décadas de 80 e 90, até atingir este novo século; tornando-se um esporte cada vez mais popular, de fácil acesso a quem deseja praticá-lo porém, deixando de lado um de seus principais objetivos: a contemplação à natureza e o seu mínimo impacto.

Bruno Melo da Matta | SP

O meio ambiente, de certo modo vem acompanhando as mesmas mudanças e transformações que o esporte vem sofrendo, obviamente, de uma maneira negativa. O sentimento conservacionista e preservacionista é algo novo na nossa sociedade, sendo demonstrado, infelizmente, em sua maioria, por idéias e ideologias ao invés de em atitudes práticas e úteis à natureza.

Nota-se cada vez mais a falta de uma política que incentive a educação ambiental para a população. Podemos perceber isso no dia a dia de cada um de nós, nas cidades em que vivemos e, infelizmente, nos locais em que escolhemos para a prática do esporte e para o contato com a natureza. É o caso da falta de percepção de um indivíduo quanto aos seus resíduos e a sua disposição,ou, então, a falta de criticidade quanto a problemática ambiental; inúmeras são as situações em que somos obrigados a recolher o lixo alheio!

Não se pode negar o grande envolvimento do escalador com o meio ambiente, afinal são nas poucas manchas verdes existentes no nosso território que se encontram os afloramentos rochosos, devido, felizmente, a impossibilidade de agricultores e pecuaristas desenvolverem suas atividades. Com isso, a responsabilidade social e ambiental das pessoas que freqüentam estas áreas preservadas é cada vez maior, como o caso dos escaladores; já que somos nós, praticantes deste esporte que, na maioria dos casos, fazemos usufruto dessas localidades.

A escalada de antigamente, até idos da década de 80, consistia-se no aproveitamento das grandes fendas (chaminés) e da coragem dos escaladores para a realização das ascensões. Escaladas feitas nessa época são até hoje fruto de muita admiração por toda a comunidade, afinal subir paredões, tais como as do Marumbi (PR), Pedra do Baú (SP), Pico Maior e Menor (RJ), entre outras, apenas com os equipamentos que existiam: cordas de sisal, cunhas de madeira, pitons e botas, era para apenas poucos mortais. E, conseqüentemente, o fluxo para essas localidades era insignificante, logo o seu impacto mínimo.

No entanto, com o desenvolvimento de novas tecnologias a partir da década de 80 em todos os campos da sociedade e com a abertura do mercado ao produto estrangeiro, a escalada apresentou grandes mudanças, surgindo, assim, inúmeros novos equipamentos, facilitando a vida do escalador e, com isso, tornando-o um esporte mais acessível à população, aumentando a quantidade de praticantes e por conseqüência o fluxo de pessoas às áreas de preservação. Sabe-se que, grande parte do sentimento e da identidade da escalada continuou enraizada em boa parte da comunidade nesta década, mas na década de 90 a história tomou outro rumo.

Com o aumento do número de vias, descobrimento de novos "points" e o advento da escalada indoor, nos anos 90, a escalada sofreu um verdadeiro "boom" no Brasil. O número de praticantes aumentou vertiginosamente e por conseqüência direta, surgiram fabricantes de equipamentos nacionais, distribuidores e lojas para atender a nova demanda de consumo. No entanto, este crescimento, infelizmente, ocorreu de forma desordenada, popularizando o esporte e, também, criando vertentes da escalada nas quais distanciavam o homem do seu ambiente natural.

Por causa desse aumento desenfreado de praticantes, o impacto ambiental, sendo direto ou indireto, acabou ficando mais nítido e claro para toda a comunidade, já que sem nenhum órgão ou associação regulamentadores da atividade, indivíduos cada vez mais urbanizados e sem consciência ambiental, começaram a freqüentar localidades naturais suscetíveis ao impacto humano. São inúmeros os exemplos em nosso país: da vegetação de parede e da base de maciços suprimidas; da prática de abuso, maus-tratos ou abate de animais silvestres; fendas grampeadas, agarras cavadas ou moldadas, entre outros. E apesar do sentimento e da indignação que muitos manifestam com essas situações, novos casos surgem a cada dia que passa.

É claro que muitos desses casos acontecem sem que o autor tenha clara intenção de impactar o meio-ambiente e sim, com objetivos "egolomaníacos" e antiéticos do escalador de subir a qualquer custo o local desejado. Falta claramente o reconhecimento, dos indivíduos, de valores, para que assim possa haver uma modificação das atitudes em relação ao meio e, conseqüentemente, um melhor entendimento das relações entre os seres humanos e seus meios bio-físicos. É preciso aceitar as limitações impostas pela natureza, entender que o homem não pode passar por cima de todas as barreiras naturais e, para seguir adiante, devemos reconhecer que no meio de uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum.

No entanto, o processo de mudanças é lento, não se deve esperar que mudanças dessa magnitude ocorram rapidamente e de forma espontânea. Afinal, essa conscientização e mudança de foco da escalada em relação ao meio ambiente, devem acontecer localmente, ou seja, em nós mesmos, devemos todos parar para repensar algumas atitudes e atos que tomamos em nossas vidas e que possam vir a ter grande repercussão no todo. Somos todos agentes da mudança, é imprescindível agirmos nesse intuito, já que os recursos naturais são limitados e a escassez dos seus produtos, é algo inevitável. O comodismo de termos água encanada faz com que esqueçamos a sua vital importância e como devemos utilizá-la e, assim, estende-se a escalada onde a facilidade de subir vias retro-grampeadas faz com que nos afastemos do real intuito de harmonia e inter-relação com o meio-ambiente.

A falta de visão dos empreendedores do esporte é algo preocupante e que merece atenção, já que visando unicamente o lucro, empresários "esquecem" de fomentar e ajudar a conservação dos ambientes os quais os indivíduos praticam o esporte fazendo uso de seus equipamentos diversos, sem que nenhuma atitude mitigadora seja tomada para que essa relação traga impactos mínimos. O amanhã está cada vez mais próximo de nós, praticantes e empresários, assim sendo, para que haja sustentabilidade no nosso esporte a comunidade toda deve estar engajada nesta problemática atual.

"Devemos ser a mudança que queremos ver no mundo" (Gandhi), como este grande humanista almejou, devemos, nós, escaladores, usar o nosso senso crítico e nossas posições na sociedade como ferramenta para soluções de problemas sócio-ambientais somando forças para reviver no esporte a sua essência esquecida.

Lanternas frontais

Tipos e usos deste importante equipamento de segurança.

Mônica Filipini e Diogo Marassi | SP

No inicio da década de 70, aconteceu uma grande revolução nos sistemas de iluminação até então utilizados por montanhistas, profissionais e outros esportistas. A marca Petzl inventou a primeira lanterna frontal, fixada com uma banda juntamente com a sua caixa de pilhas. A idéia de manter as mãos livres alterou definitivamente a maneira de "enxergar" as coisas em nosso meio.

Hoje temos uma gama enorme de lanternas de cabeça, muitas marcas revolucionaram os sistemas de fixação e iluminação, melhorando assim os principais aspectos das lanternas como: peso, alcance, durabilidade, curva de iluminação x horas de uso e resistência. Podemos afirmar com certeza que a lanterna tornou-se um item de segurança e eficácia nos mais diferentes ambientes.
Pela enorme diversidade de lanternas hoje no mercado e suas inúmeras aplicações, resolvemos dar uma pesquisada e sintetizar informações importantes , oferecendo assim mais critérios de avaliação e com isso auxiliar na hora da aquisição de uma lanterna que atenda as necessidades de cada um.
Para começar devemos pensar nos tipos de iluminação mais comuns das lanternas de cabeça. Temos iluminação através de lâmpada de halogênio ou xenon para iluminação de longo alcance e também a iluminação através dos L.E.D. para uma iluminação de longa duração, este último, quando de boa qualidade, consomem 10 vezes menos energia que a iluminação através de lâmpada de halogênio ou xenon, além de terem um tempo de vida quase ilimitado, inquebráveis, resistentes a impactos e vibrações. Os LED ofecerem também uma iluminação de sobrevivência (luz bem fraca) quando as pilhas estão descarregadas.
Quando estávamos fazendo a pesquisa para este artigo, encontramos um referencial para medir a performance de lanternas de cabeça para distâncias de iluminação e autonomia, muito interessante e simples de entender: a iluminação mínima esperada de uma lanterna quando esta já está assinalando a troca de pilhas deve ser comparável à claridade de uma noite de lua cheia. À medida que a lanterna é usada a sua carga de energia diminui diminuindo também à distância de iluminação, encontramos os seguintes parâmetros: pilhas novas – capacidade máxima ; após 30 minutos de utilização – capacidade normal ; acima de 8 horas – capacidade equivalente à utilização contínua de uma noite inteira. As distâncias mudam de um fabricante para o outro, é interessante pesquisar os gráficos para distância e autonomia de capacidades máximas, normais e mínimas de cada um.
Além das lanternas comuns que tem um nível de luz decrescente à medida que as pilhas descarregam, temos também um tipo de lanterna muito interessante que controla eletronicamente a iluminação, sendo a iluminação constante (mesma intensidade) durante a maior parte do tempo da carga das pilhas, diminuindo eletronicamente quando as pilhas estão quase descarregadas.
Quando falamos em autonomia , consideramos que a utilização da lanterna em horas e minutos quando a distância for igual ou superior na 2 metros, pois inferior a isto a lanterna já não é mais adequada para nenhuma atividade. Muitos modelos apresentam mais de uma regulagem de intensidade da luz, como econômica, máxima e normal, permitindo assim a economia de pilhas e adaptação a cada situação.
As marcas dividem as lanternas por modelos e utilização, como por exemplo, lanternas esportivas, de trabalho , outdoor , mistas e por aí vai. Nós decidimos utilizar a nomenclatura que nos pareceu mais abrangente e fácil de visualizar. Assim sendo : lanternas compactas, lanternas universais ou mistas e lanternas especializadas ou específicas.
Lanternas Compactas: Principais características são a leveza, simplicidade , oferece iluminação de proximidade e grande autonomia, geralmente possuem sistema de luz através de LED. A iluminação branca e homogênea oferecida pelo LED, permite que este tipo de lanterna seja um coringa na mochila da maioria dos escaladores e montanhistas.
Lanternas Universais ou mistas: Principal característica é a polivalência , oferece iluminação de longa distância e também a iluminação de proximidade, aumentando a gama de utilização. Geralmente possuem LED e lâmpada de xenon. A vantagem desta lanterna é que pode ser adaptada facilmente a situações diversas na caminhada ou escalada, porém o volume e peso destas lanternas são maiores. Exemplificando: Você e seu parceiro demoraram muito nas enfiadas e ficou tarde, a iluminação de proximidade permite de você veja com facilidade seu equipamento, seu nó de encordamento , agarras etc. a iluminação de distância permite por exemplo que você procure um grampo no rappel para continuar a descida ou veja se a sua corda está pegando em alguma quina de pedra. Porém para escaladores esportivos por exemplo, onde a grande parte das falésias são de fácil acesso, carregar este volume a mais na mochila pode ser desnecessário.
Lanternas Específicas: Geralmente são lanternas para situações extremas e específicas, possuem como principais características a potência alta de iluminação e muitas delas a estanquecidade (waterproof). As lanternas especializadas possuem geralmente iluminação mista de muito longo alcance ou de proximidade muito potente. Sua utilização é mais freqüente em espaços confinados, água ou uso profissional.

O que é importante ressaltar que todas as lanternas vêm com um manual explicativo do fabricante, se informe antes de comprar, pense na real utilização desta lanterna e escolha com bom senso a que mais atende sua necessidade.
Lembre-se sempre que para grandes escaladas ou caminhadas é importante ter uma lanterna principal e uma reserva, e não se esqueça das pilhas reservas para seu equipamento. Quando as antigas estiverem descarregadas, leve para um centro de reciclagem, nunca jogue fora no lixo , pois são resíduos sólidos muito nocivos ao meio ambiente. Haja sempre com responsabilidade, afinal somos responsáveis pelos ambientes que freqüentamos.

Caminhando no

Parque das Neblinas

Opção próxima à São Paulo para um rápido e agradável passeio.

Alberto Ortenblad | SP

Visitei recentemente o Parque das Neblinas, situado nas proximidades de Mogi das Cruzes, próximo à São Paulo, acredito que seja um passeio interessante, atravessando a densa Mata Atlântica, desfrutar da bela vista do litoral santista e da vegetação da Serra do Mar. Este parque pertence à Suzano, conhecida empresa produtora de celulose e papel, que constituiu o Instituto Ecofuturo (www.ecofuturo.org.br) para operá-lo. O Instituto promove ações turísticas, sociais e científicas nesta região.
É uma reserva particular inaugurada em 2004, que integra a antiga Fazenda Sertão dos Freires. Sua área total é de 3.000 hectares, visitáveis mediante agendamento. Fica limítrofe ao Parque Estadual da Serra do Mar. A rigor, pertence ao Município de Bertioga, não ao de Mogi.
É portanto, uma área pequena, algo como 10 a 20% do tamanho de um Parque Nacional do Sudeste. Mas não tão pequena assim, por exemplo, o menor Parque de que me lembro é o de Conceição de Ibitipoca, em Minas Gerais, com cerca de 1.400 ha.
O Parque das Neblinas tem a forma aproximada de um retângulo com lados de 3 km por 9 km.
Porém não é de fácil percurso, pois é recoberto por farta vegetação arbórea, apesar de não mais constituir uma floresta primária.
Dizem que chove, ou pelo menos garoa, 320 dias por ano, portanto escolha um dia bem seco para sua visita.
Seu acesso é feito por Mogi das Cruzes, cidade a 65 km de São Paulo. Siga no sentido da Mogi-Bertioga por cerca de 5km até a entrada de Taiaçupeba à direita. Serão mais 18 km de asfalto até essa pequena vila, onde termina o asfalto.
A partir daí, siga reto na estrada de terra bem cascalhada, passe logo em seguida embaixo de um pontilhão e dobre à esquerda 7.5 km depois. Rode por mais 5 km, numa bela estrada decorada por lírios do brejo. Você chegará então nas simpáticas instalações do Parque, às quais não falta um excelente chuveiro com água quente para a volta.
Faz apenas um ano que o Parque foi aberto ao público e suas trilhas ainda estão sendo desenvolvidas pelos monitores, cuja presença é obrigatória. È possível que, no futuro, haja percursos de dois ou três dias. Sei que você está acostumado a caminhar por sua própria conta, mas não deixa de ser interessante o apoio de biólogos, cheios de explicações curiosas sobre a natureza.
Na trilha que eu fiz, você caminhará no total por 10 ou 12 km de um caminho com poucos declives. Ele começa como uma estrada aberta, que passa a ser sombreada pela mata e torna-se uma trilha sem bifurcações inserida dentro de uma floresta secundária.
Foi depois que comecei a caminhar que me lembrei de ter estado nesta trilha muito tempo atrás, quando ela passava por um reflorestamento de eucalipto. Desde 1988, esta região começou a ser regenerada, cessando as atividades florestais e agrícolas.
A flora é bastante rica, com bromélias, orquídeas, begônias e helicônias, e árvores como o cambuci, a canjarana, o cambucá e a canela. Existe uma farta população de aves, anfíbios e mamíferos, como sagüis, antas, lontras e gambás.
Há dois momentos especiais: o primeiro é quando você chegar à represa do rio Itatinga, debruçada sobre o planalto frontal à planície costeira de Santos. Se a freqüente neblina não atrapalhar, você terá uma ampla e bela vista do litoral. Procure não chegar de tarde, para evitar a nebulosidade.
Você verá um impressionante aqueduto, construído em pedra, do início do século passado, ele canaliza as águas do Itatinga, que lá embaixo, já na planície costeira, moverão as turbinas de uma pequena hidrelétrica.

Antiga trilha

Lembro-me de quando fiz essa trilha, caminhando ao lado do aqueduto e descendo por um caminho calçado até a hidrelétrica na planície. Cerca de 3 km após a represa do Itatinga, havia umas belas piscinas, acho que de decantação, de onde a vista do litoral era ainda mais interessante. Parece que empresas de ecoturismo continuam fazendo este percurso, que chamam de Mogi-Bertioga.
O segundo momento ocorre na volta, nas piscinas naturais do rio Itatinga, que permitem ótimos banhos no calor da tarde. O Itatinga nasce no parque e é relativamente pequeno, com talvez 50 km. Ele desce a serra, sendo um afluente do Itapanhaú, que por sua vez corre para o mar. Do rio, você poderá voltar à sede do Parque passando por uma ponte pênsil.

Você deve agendar sua visita pelo tel: (11) 4724.0555 ou então em parquedasneblinas@ecofuturo.org.br. O parque não possui monitores residentes, eles vêm de Mogi e, portanto, devem ser avisados com antecedência.
Apesar de não trazer experiências radicais, vale a pena conhecer o parque, até mesmo em reconhecimento aos esforços da empresa que o criou.

BLOXPERIENCE

hostess:

FESTIVAL DE ESCALADA
ESCALADA★MUSICA★MONTANHISMO

20 E 21 DE MAIO
<<<< MORRO DO ANHANGAVA★PR <<<<
WWW.MOUNTAINVOICES.COM.BR/BLOX

Only For Fun! Evento não competitivo, para todas as idades, do iniciante ao mestre Escalada Inauguração de novo point com Edson Struminski★PR
Expo de Equipamentos As novidades desta temporada Expo Fotográfica Fernanda Preto e Priscila Foroni★PR Beth Frechou e Kelly Peres★SP
Marcela Chaves★RJ Larissa Melo★PB Vídeo Produções independentes de Maurício Clauzet★PR e Gustavo Pianca★MG
Oficinas de escalada com Edemilson Padilha e Valdesir Machado [escalada alpina] Flávio Cantéli [boulder] COSMO [resgate]
Slide show Thiago Balen★RS Trance Party Pitonhead e Beavis (Trancedance★SP) Sonic (Zamatroupe★SP)

ERRATAS da edição # 88

Internacional
O prêmio Piolet d'Or é concedido para uma escalada apenas por ano; portanto, a lista de vias e escaladas da nota está sim, concorrendo ao prêmio deste ano.

Rupal de 8.125m é na verdade *face Rupal* do Nanga Parbat.

Fernando de Noronha
O montanhista mineiro Tonico Magalhães e lúcia Andrade abriram em 2003 mais de uma dezena de novas rotas, todas em móvel com uma média 20 metros de extensão na falésia da praia da Cacimba do Padre em Fernando de Noronha.

Novos filmes de Escalada
Bola pro mato... foi o segundo filme Brasileiro a utilizar 4 câmeras consecutivas gravando uma escalada, na verdade, o "Cinqüentona Gallotti" (2004 - Priscila Botto e Paulo de Barros - Mini DV, 32 Min) já havia utlizado este recurso em 2004.

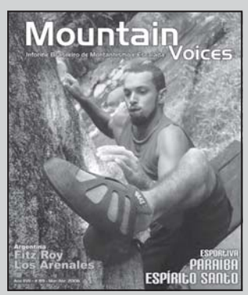
Mountain Voices *é um informativo bimestral de circulação dirigida ao excursionismo brasileiro e patrocinado pelos anunciantes. Seu objetivo é fomentar a pratica deste esporte no Brasil, em suas várias modalidades: montanhismo, escalada e espeleologia. Reprodução somente com autorização dos autores, e desde que citada a fonte. Não temos matérias pagas. Frizamos que o excursionismo expõe o praticante a riscos, inclusive de morte, que este assume deliberadamente. O uso de equipamento de segurança, bem como o acompanhamento de guia especializado, se faz necessário, porém não elimina totalmente o risco de acidentes.*

Editores*: Eliseu Frechou, Elizabeth B. Frechou, Vítor B. Frechou e Artur B. Frechou.*

Contatos *pela Cx.Postal 28, São Bento do Sapucaí, SP, cep 12490-000. E-mail: mv@mountainvoices.com.br. Web site: www.mountainvoices.com.br. Agradecemos a todos os colaboradores deste número: patrocinadores, assinantes, e todas as pessoas que nos escreveram enviando artigos, criticas e apoio.*

Assine Mountain Voices

Para fazer sua assinatura, renovação, envie este formulário junto com cheque cruzado e nominal à Eliseu Frechou, Cx.Postal 28 - CEP 12490-000 - São Bento do Sapucaí-SP. Preço válido até 30/06/2006.



Capa: Oswaldo Cruz no boulder *Cabaré*, Viana, ES. Foto: Arthur Matero.

Nome.....

Endereço.....

Cidade.....Estado.....

CEP.....-.....Telefone.(.....).....

E-mail.....

Idade ..... Profissão.....

Como conheceu Mountain Voices?.....

Já participou de: ( ) Campeonato ( ) Encontro ( ) Palestra

Que modalidade pratica com mais assiduidade: ( ) Caminhada

( ) Escalada tradicional ( ) Escalada esportiva ( ) Boulder

( ) Assinatura Mountain Voices - R$ 25,00
( ) Renovação Assinatura - R$ 20,00
( ) Assinatura 2 anos - R$ 40,00
( ) Número Atrasado do Mountain Voices - R$ 5,00 / exemplar

89

Total .....,00

Somos uma marca totalmente brasileira e nossa loja é dedicada exclusivamente às atividades de montanhismo.

Os produtos Equinox são criados e desenvolvidos para as condições de uso no Brasil. Nossa rocha é predominantemente o abrasivo granito e nossas trilhas são fechadas e com espinhos.

Portanto, nossas mochilas técnicas têm perfil estreito, obviamente não têm elásticos nem elinhas externas e são confeccionadas com o tecido mais resistente à abrasão do mercado, o Cordura da Dupont. Nossos produtos são desenvolvidos, fabricados e testados por brasileiros. Essas atividades geram mais de 40 empregos diretos e outros muitos indiretos a brasileiros.

Enfim, bem mais resistentes e mais adaptados do que qualquer importado decente disponível no mercado, e ainda a um preço bem inferior.
Feito no Brasil - uma questão de bom senso.

Equinox

feito por escaladores para escaladores

Fivelas de
DURALUMÍNIO
Em todas as cadeirinhas de escalada Conquista

Resistência
Mesma segurança do aço
Leveza extrema
Leve como plástico
Anti-corrosão
Não oxidam - Alta durabilidade

CONQUISTA
www.conquistamontanhismo.com.br

Dura na queda. No bom sentido.

Phi 35, a nova mochila da Kailash para escalada, possui costado curvo e triangular que proporciona uma ótima estabilidade junto às costas e uma grande liberdade para os movimentos dos braços.

Seu fechamento estanque somado ao tecido altamente resistente a abrasão e à água, a tornam companheira ideal na montanha.

>> Fitas para portar corda
>> 2 suportes para piquetas
>> Alça resistente para içamento
>> Fitas de compressão e porta-materiais
>> Bolso frontal com zíper a prova d'água
>> Barrigueira removível
>> Sistema de hidratação

Kailash

www.kailash.com.br